



## A VIOLÊNCIA DO NÃO-DIZER EM *NÓS MATÁMOS O CÃO-TINHOSO*, DE

LUIS BERNARDO HONWANA

Lidiana de Moraes (University of Miami)<sup>1</sup>

**Resumo:** Em 1964, Moçambique enfrentava o começo da guerra pela independência, mesmo momento em que Luis Bernardo Honwana colocou no papel sua condição como sujeito pós-colonial, criando uma ruptura com a sua condição de subalterno. Ao aliar o testemunho da situação em que o país se encontrava pré-independência com a descrição íntima da natureza humana, *Nós Matámos o Cão-Tinhoso* representa o impacto de séculos de silêncio imposto àqueles que tinham a vida vigiada pelo poder colonial. Através da análise de três contos – “Nós Matámos o Cão-Tinhoso,” “As Mãos dos Pretos” e “Nhinguitimo” – se percebe a violência da opressão colonial naquilo que os moçambicanos não conseguiam (nem podiam) dizer.

**Palavras-chave:** Literatura Moçambicana; Colonialismo; Luís Bernardo Honwana; *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*

Em 1965, a dupla de folk rock americano, Simon & Garfunkel, lançou a música *The Sound of Silence*, na qual cantam sobre uma imagem plantada no pensamento através do som do silêncio. Ao escrever, um autor usa as palavras para dar voz às ideias que estão encravadas no silêncio da mente, da maneira como o escritor moçambicano Luis Bernardo Honwana fez em 1964 com o seu único livro, *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*, uma coletânea de contos que apresenta um escritor jovem de 22 anos com histórias e revivescências dentro de si que precisavam ser colocadas para fora, tal qual ele mesmo descreve: “Não sei se realmente sou escritor. Acho que apenas escrevo sobre coisas que, acontecendo à minha volta, se relacionem intimamente comigo ou traduzam factos que me parecem decentes. Este livro de histórias é o testemunho em que tento retratar uma série de situações e procedimentos que talvez interesse conhecer.” (HONWANA, 1964, p.9)

Os acontecimentos que tomavam conta de Moçambique se mostram como fonte de inspiração para quem pôde testemunhar o começo da guerra pela independência da colônia que ainda se mantinha sob o domínio de Portugal. Era um momento de questionar o passado colonial e analisar o presente para poder vislumbrar um futuro independente e descolonizado. No entanto, o que é possível perceber em *Nós Matámos o Cão-Tinhoso* é a representação do impacto de séculos de silêncio que atormentam àqueles que sonham em ser livres, mas têm a vida constantemente vigiada pelo poder colonial. Sendo assim,

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras (PUCRS), Mestre em Teoria da Literatura (PUCRS) e Doutoranda em Literary, Cultural, and Linguistic Studies. Contato: lidianams@miami.edu.



proponho que através da análise de três contos – “Nós Matámos o Cão-Tinhoso”, “As Mãos dos Pretos” e “Nhinguitimo” – é possível perceber a violência da opressão colonial naquilo que os Moçambicanos não conseguem dizer. Em diferentes momentos dos três textos, o leitor é confrontado com um personagem que não consegue explicar o que está acontecendo naquela sociedade porque falar a verdade seria romper com o discurso dominante e, conseqüentemente, correr o risco de represálias. O não-dito carrega consigo a violência da barreira para a possibilidade de libertação e os comentários deixados em suspenso retratam como a manipulação do discurso propagado pelo colonialismo consegue se alastrar no imaginário da população pós-colonial.

Em “As Mãos dos Pretos”, Honwana apresenta uma memória infantil, contada por um menino que relembra seus anos escolares, mais precisamente o dia em que o Senhor Professor explica porque os negros teriam as palmas das mãos “mais claras do que o resto do corpo porque ainda há séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo” (HONWANA, 1964, p.119). A explicação dada pela figura de autoridade é apenas a primeira entre várias que surgem na vida do menino tentando definir a diferença racial de uma maneira que constrói a aproximação dos negros com o mundo animal, uma forma clara de desumanizar o indivíduo baseado na cor da pele.

A pluralidade de invenções criadas para justificar uma questão que deveria ser sem importância prova a persistência do discurso colonial em disfarçar a sua intenção de oprimir um povo fazendo com que a fala se repita pelos próprios indivíduos que são subjugados. Ao reforçar ideais de raça – mantendo uma hierarquia que associa superioridade com o tom claro da pele – a discriminação não se centra na injustiça da relação entre a potência colonizadora e suas colônias, mas sim nas vítimas do pensamento colonizado. Dessa maneira, o problema encontrado no país é direcionado não a subserviência dos nativos da terra perante os estrangeiros, mas sim aos negros que são associados a sujeira e a escravidão como se fossem responsáveis pelo atraso que a população se encontra, cito o conto: “Deus fez-lhes as mãos mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa” (HONWANA, 1964, p.119).

As relações de categorização do ser humano se mostram presentes porque há uma necessidade de definir quem está no comando e quem deve obedecer (se restringindo



apenas a ecoar o que lhe foi dito como sendo a “verdade”). Com exceção da história evolucionista contada pelo professor, todas as demais apresentam Deus como figura central, aquele quem decidiu que os negros deveriam ter as palmas brancas. Ao criar um autor inquestionável para as ações presentes no texto, os sujeitos pós-coloniais se eximem de falar a verdade e também da culpa que carregam por serem agentes atuantes do discurso discriminatório. O não-dizer, frequentemente disfarçado em forma de piada ou de narrativa absurda, esconde uma situação de desigualdade da qual poucos estão dispostos a admitir a sua existência porque seria como confessar a sua participação em um crime contra a humanidade. Sendo assim, cabe a mãe do menino dar a explicação mais ponderada para a dúvida do filho:

Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem é apenas obra de homens... Que o que os homens fazem é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos” (HONWANA, 1964, p.122).

No entanto, apesar da beleza das palavras, o sentido do que a mãe tinha em mente não é dito. Para poupar o filho da dura realidade que cabe aos negros, ela romantiza o seu relato, mas a violência do que não pode ser verbalizado toma conta da mulher que se põe a chorar, deixando o filho protegido contra a maldade do preconceito, mas sem entender o que está acontecendo. O diz que “ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa a chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido” (HONWANA, 1964, p.122), ilustrando a brutalidade pós-colonial com perfeição porque dá forma para que se enxergue como há uma atitude separatista dentro da sociedade que impede que os homens sejam vistos como um ser único, cujas semelhanças deveriam ser mais relevantes para poderem lutar pelo bem comum do que as diferenças que impedem o trabalho em conjunto.

Nos contos escritos por Honwana, é possível encontrar um padrão na atitude dos personagens: há alguém disposto a questionar e desconstruir o discurso colonial, mesmo que de maneira desinformada, ingênua ou prudente (como a mãe do menino); aqueles que seguem fielmente o discurso pós-colonial, sem qualquer tipo de dúvida sobre aquilo que lhes é dito para fazer ou falar e, alguém que se sente dividido entre o que lhe parece certo e o que lhe dizem ser correto. Em “Nhinguitimo”, o personagem principal, Alexandre



Vírgula Oito Massinga, retrata o futuro destinado aos que se atrevem a romper com o silêncio imposto aos oprimidos. O papel de pária social é destinado a ele e mais uma vez a associação do homem que sai do “padrão” com os animais se repete na peculiaridade do nome do personagem. Apesar de não haver uma explicação formal para como o “vírgula oito” foi parar no nome do rapaz, seu acréscimo pode ser associado à condição do colono que deve se submeter ao patrão, tal qual o gado (marcado com uma numeração) deve se submeter ao dono.

Vírgula Oito carrega consigo mais um estigma, o mais perigoso de todos. Ao contrário da maioria dos homens em sua condição, ele rompe com os moldes pós-coloniais porque não se limita a ser mais um empregado em uma das plantações da região. Ele trabalha para o Senhor Rodrigues, mas também é dono de terras. No entanto, mesmo sem declarar o perigo que ronda Vírgula Oito, Honwana mostra como a situação particular do personagem não deve ser permanente, uma vez que ele “tinha a sua própria machamba do outro lado do rio, no Goana” mas se tratava de “um sítio onde o administrador ainda não tinha ordenado o levantamento da reserva indígena” (HONWANA, 1964, p.129). Dessa maneira, Alexandre é posto no papel de exceção, mas tal conjuntura está atrelada à permissão do poder colonial que determina o papel desempenhado por cada membro da sociedade.

Até esse momento, a situação próspera de Vírgula Oito parece possível porque sua existência passava em branco aos olhos dos colonizadores. Contudo, mesmo sendo um homem simples, como os outros trabalhadores que lidam com a terra, Vírgula Oito demonstra uma disposição para transformar sua própria história, o que faz com que se torne uma ameaça. A astúcia do rapaz fica em evidência quando ele conta sobre os seus planos para romper com o destino que o pós-colonialismo lhe reserva: “Quando chegar o ‘nhinguitimo’ tudo vai mudar – dissera ele – As machambas grandes que eles fazem vão ficar destruídas pela fúria do vento. As nossas machambas continuarão a amarelecer calmamente porque as grandes árvores do outro lado do rio protegem-nas dos ventos. O preço do milho vai subir e nós vamos ter algum dinheiro” (HONWANA, 1964, p.131). Vírgula Oito usa do conhecimento que tem da geografia da sua terra para conseguir distinguir-se sobre àqueles que apenas a tomaram.

No entanto, de maneira quase infantil, ao contar seu plano em voz alta, Vírgula Oito se torna alvo não apenas dos colonizadores, mas também dos indivíduos pós-coloniais



que estão restritos à posição de serviçais de Portugal. Um dos companheiros de bar tenta alertá-lo quanto ao perigo da sua empreitada: “Sabes... Eu não sei se eles não ficarão zangados por tu teres tanto dinheiro... Eles são capazes de não gostar disso... Eles não vão permitir que tenha dinheiro...” (HONWANA, 1964, p.134). A resposta dada por Vírgula Oito para justificar suas intenções, desmerecendo a preocupação legítima de seu amigo é apoiada em uma lógica simples, tal qual a usada pela mãe do menino no conto anterior: “...eu não mato nem roubo; como o que ganho no trabalho; gasto o dinheiro com a minha família; pago o imposto... Pago os meus trabalhadores... Como é que eles se podem zangar?” (HONWANA, 1964, p.134). Vírgula Oito ignora que nas reticências do seu discurso, esconde-se uma infinidade de “poréns” que buscam justificar a violência do poder colonial. Ele paga os impostos e os trabalhadores, porém essas ações servem apenas para dar uma falsa sensação de posse ao colono, enquanto enriquece ainda mais o colonizador, ou seja: a “falsa consciência” abordada por Althusser. Por tanto, a lógica binária que se limita ao certo e errado não se aplica ao contexto pós-colonial em que esses personagens estão inseridos.

Outro perigo ignorado por Vírgula Oito se apresenta na cobiça dos seus semelhantes. É o dono do bar (e dono da plantação em que Alexandre trabalha) que alerta o administrador sobre a situação especial do homem: “– Senhor administrador, se eu insisto nisto é só porque me custa ver uma terra tão rica a ser desperdiçada pelos pretos” (HONWANA, 1964, p.135). A desculpa dada pelo homem, assim como as inventadas em “As Mãos dos Pretos” e mais para frente em “Nós Matámos o Cão-Tinhoso” servem para justificar a agenda colonial e dos seus sujeitos que mais uma vez buscam algum tipo de poder provocando discórdia entre os seus semelhantes.

Uma vez que Vírgula Oito resolve desviar do discurso que lhe foi ensinado, ele se encaminha para o destino que também é encontrado no conto “Nós Matámos o Cão-tinhoso”: através da violência o poder colonial silencia (seja através da exclusão ou da morte) àqueles que se atrevem a pensar diferente. No conto que dá nome ao livro de Honwana há o encontro de todos os indivíduos que formam o cenário pós-colonial: os oprimidos, os subalternos e os opressores.

A história gira em torno de um cachorro que não é visto da mesma maneira como os demais animais da redondeza. O Cão-Tinhoso é como os excluídos da sociedade, assim como os negros e Vírgula Oito nas outras narrativas. No entanto, é na expressão do olhar



daquele bicho sem nome que se encontra a maior demonstração das marcas deixadas pela violência do silêncio como se observa no trecho: “O Cão-Tinhoso tinha uns olhos azuis que não tinham brilho nenhum, mas eram enormes e estavam sempre cheios de lágrimas, que lhe escorriam pelo focinho. Metiam medo aqueles olhos, assim tão grandes, a olhar como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer” (HONWANA, 1964, p.13). A associação entre o medo transmitido pelo olhar com a presença do “pedir sem querer dizer”, frase repetida inúmeras vezes, serve como uma alegoria para a ameaça que o sujeito pós-colonial representa para os governantes, mas que ao mesmo tempo está atrelada ao medo do indivíduo de dar voz as suas verdadeiras necessidades por receio de qual será o resultado de seu ato de rebeldia.

Pensando no contexto histórico de Moçambique, o cão-tinhoso, quem o defende fielmente (somente Isaura), aqueles que o querem morto (como o administrador) e aqueles que não tem certeza do que devem fazer (como Ginho) são a exposição do conflito entre o desejo pela liberdade e o receio de não saber o que está reservado para a nação caso ela se torne livre. O que vejo é uma situação em que os séculos de dominação portuguesa no qual o discurso que transforma o colonizador em a “salvação da colônia” impõe uma ideia de respeito, subserviência e incerteza que impede os indivíduos pós-coloniais de acreditar que podem andar com suas próprias pernas depois de tanto tempo “sob proteção e cuidado” de Portugal.

O medo da descolonização ligado à autonomia da colônia cria uma mentalidade que se propaga, mais uma vez associada ao comportamento animal, como aquela que é vivenciada pelos rebanhos, nos quais o gado caminha um atrás do outro a caminho do matadouro. É esse o discurso utilizado pelo veterinário para convencer os meninos a fazerem o trabalho sujo, que é matar o cão-tinhoso, em seu lugar:

Sim, sei que vocês gostam de dar uns tiritos às rolas e aos coelhos, mesmo sem terem licença de uso e porte de arma, para não falar na licença de caça, e vocês sabem que se são apanhados por mim ou por um fiscal de caça, chupam uns meses de prisão que se lixam. Mas deixa lá que eu não levo a mal nem digo a ninguém que vocês usam – as armas dos vossos pais ilegalmente. Eu só quero que não me façam essas coisas mesmo debaixo do nariz, porque tenho responsabilidades, vocês sabem. Eu não levo isso a mal, porque conheço bem a malta, mas isto não é para ser espalhado por aí, vocês não acham? (HONWANA, 1964, p.29)



Por trás da fala do veterinário, está a coação do discurso colonial que violenta o sujeito ao impor quais devem ser as atitudes do sujeito colonizado para o “seu próprio bem”. A chantagem feita pelo veterinário é somente uma entre tantas utilizadas para justificar a perpetuação da desigualdade e a violência da soberania do conquistador no período pós-colonial. Guinho, aquele que se encontra em uma encruzilhada, tem que escolher entre pertencer ao grupo, atirando no cão para provar que é homem, ou proteger o animal e assim desestabilizar a prevalência do discurso coercitivo colonial, se apresentando como um rebelde que é um risco para a solidez das relações pós-coloniais:

Eu tenho medo, desculpa-me Cão-Tinhoso – eu disse aquilo tão baixinho que só o Cão-Tinhoso me podia ouvir – eu tenho medo, Cão-Tinhoso. – Eu vou pedir isso ao Quim e à malta, e eles deixam com certeza, e eu levo-te e trato-te e depois vais outra vez dormir para as camas de poeira das galinhas do Senhor Professor. Eu vou pedir ao Quim e à malta e eles deixam. Mas não me olhes como se eu tivesse culpa, Cão-Tinhoso! Desculpa, mas eu tenho medo dos teus olhos... (HONWANA, 1964, p.39)

A hesitação presente na fala de Guinho demonstra o conflito vivido pelo indivíduo pós-colonial, dividido entre o desejo de ser independente e tomar conta da sua própria narrativa e aos anos de servilidade ao colonizador. Porém, mesmo com a consciência da alternativa que tem em mãos, o menino não consegue proferir o seu discurso em voz alta porque opta por fazer parte do grupo do que contrariá-lo e arcar com as consequências. Desse modo, Guinho acaba não pedindo para Quim poupar o animal e o olhar do cão-tinhoso tornasse o espelho que reflete a culpa que o menino carrega consigo por ter escolhido o caminho mais fácil.

A escolha de Guinho que traça o desfecho do cão-tinhoso fica clara quando o único personagem com coragem para intervir, Isaura, volta a cena. Guinho diz: “Isaura... A gente quer fazer o que nos mandaram fazer... Sai daí...” (HONWANA, 1964, p.47). A menina, a exceção capaz manter um vínculo emocional com o animal, se coloca na frente dos meninos para proteger o cachorro, se transformando na representação daqueles dispostos a falar em voz alta, quebrando o silêncio. No entanto, assim como Vírgula Oito, suas ações são explicadas como atos de loucura. Para dificultar ainda mais a posição de Isaura, o símbolo de coragem é representado por uma mulher. Assim, a crítica passa a se estender também para a desigualdade de gêneros em uma sociedade que cisma em se dividir



baseada no discurso que lhe foi ensinado por aqueles que tiram proveito da falta de união entre o grupo.

O desfecho do cão-tinhoso é a morte. Em mais uma situação não há como fugir do que foi determinado pelo poder colonial, mesmo que não haja explicação plausível para essa decisão. A conversa final entre Ginho e Quim mostra como eles tentam acalmar a própria consciência transferindo a culpa por suas ações, seja para o administrador, para o veterinário, ou até para os outros cães: “– Eles não queriam brincar com o Cão-Tinhoso” (HONWANA, 1964, p.52), concluem. No entanto, é a consciência que se preserva no não-dito que precisa ser enfrentada para que haja a possibilidade de transformação da sociedade marcada pela violência da imposição do discurso colonial, promovendo um avanço na criação de um discurso descolonizador.

### **Referências bibliográficas**

HONWANA, Luis Bernardo. *Nós Matámos o Cão-Tinhoso*. Moçambique: Cotovia, 1964.